

Editorial

Este número da revista *Numen* está dividido em uma primeira parte, temática, centrada em discussões em torno da obra de Kierkegaard, pelo viés da Filosofia da Religião, e numa segunda parte que compreende três textos, sobre três diferentes autores, que também se inserem em discussões pertinentes à Filosofia da Religião, o que dá unidade a este número. Os artigos da primeira parte compreendem parte dos trabalhos apresentados na *XI Jornada de Estudos de Kierkegaard*, da Sociedade Brasileira de Estudos de Kierkegaard, promovida por esta sociedade em conjunto com o Programa de Pós-Graduação em Ciência da Religião, nos dias 4 e 5 de novembro de 2010, no Instituto de Ciências Humanas da UFJF.

Kierkegaard, que não era afeito a rótulos, entendia a si mesmo como pensador religioso. Se a sua obra inspirou filósofos das mais diversas escolas, bem como pesquisadores nas áreas de filosofia, teologia, psicologia, literatura, etc., não menos importante é o seu impacto para se pensar conceitos e problemas da Filosofia da Religião, especialmente em conexão com as questões da existência. Se a obra de Kierkegaard se mostra prolífica no diálogo com diferentes áreas do saber, também é rico o diálogo que estabelece ou proporciona com outras importantes figuras da história da filosofia. Este último aspecto ganha destaque neste número da revista, uma vez que Kierkegaard é posto a dialogar com Descartes, Hume, Hegel, Feuerbach, Dostoiévski e Heidegger.

O texto de Marcio Gimenes de Paula investiga o ceticismo do pseudônimo kierkegaardiano Johannes Climacus a partir das influências de Descartes e Hume. A relação entre ceticismo e cristianismo ganha destaque a partir do diálogo que o autor constrói entre *Migalhas filosóficas*, as *Meditações cartesianas* e a *Investigação sobre o entendimento humano*.

Jon Stewart extrai consequências de sua análise das constantes referências de Kierkegaard à seção “O bem e a consciência” no capítulo sobre a “Moralidade” na *Filosofia do direito* de Hegel.

O autor desenvolve o argumento de que tais referências ajudam a compreender as mudanças na relação de Kierkegaard com Hegel e as diferenças de suas respectivas posições.

Dando continuidade à investigação da relação entre Kierkegaard e Hegel, Maria José Binetti reflete sobre o pensamento religioso de Kierkegaard mostrando como este autor estabelece uma nova concepção de religião. Binetti argumenta que tal concepção é inseparável do contexto religioso pós-hegeliano, notadamente ao assumir o princípio filosófico da subjetividade absoluta, a partir do qual reelabora o conceito de fé.

Deyve Redyson e Jorge Miranda de Almeida tecem relações entre Feuerbach e Kierkegaard. A partir da investigação dos conceitos de natureza e cristianismo nesses autores, elaboram a relação entre filosofia, cristianismo e o processo de constituição de si mesmo.

Em uma vertente mais próxima da literatura, mas nem por isso distante da Filosofia da Religião, Eduardo Armaroli Noguchi compara Kierkegaard e Dostoiévski, destacando diferenças e semelhanças. Se, por um lado, é possível apontar diferenças no modo como entendem a dinâmica do homem na história, por outro, a tentativa de pensar uma religiosidade renovada surge como importante ponto de aproximação.

Frederico Pieper e Jonas Roos estabelecem paralelos entre Kierkegaard e o jovem Heidegger no que tange à relação entre religião, existência e temporalidade. A partir das análises de *Migalhas filosóficas* e de *Introdução à fenomenologia da religião*, de Heidegger, é mostrado como esses autores encontram em algumas noções do cristianismo considerações fundamentais sobre a temporalidade em seu caráter indisponível e inquietante.

Depois das análises de Kierkegaard em diálogo com outros pensadores, esta primeira seção termina com dois textos mais detidamente centrados não em comparações, mas em análises, sob diferentes formas, da relação entre o estético e o religioso. Jasson da Silva Martins e Jacqueline Oliveira Leão argumentam

que a busca do absoluto, importante nos escritos estéticos de Kierkegaard, é o que permite uma passagem do estágio estético ao religioso, sem a necessidade, portanto, de se passar pelo estágio ético. A busca pelo absoluto é oferecida ao leitor como estrutura existencial singular de cada indivíduo.

Ana Maria Lopez Calvo de Feijoo e Myriam Moreira Protasio analisam a relação entre o estético e o religioso, considerando ambos como modalidades do imediatamente sensível. A partir das análises de “A”, no texto “Os estádios eróticos imediatos”, e de *Temor e tremor*, as autoras argumentam por uma consideração do estético, a partir de sua disposição e atmosfera imediata na existência, como condição de possibilidade para o religioso.

A segunda parte deste número é aberta com o artigo de Marcelo Martins Barreira que nos remete à filosofia medieval, mais especificamente ao pensamento de São João da Cruz. Em seu texto, Barreira comenta de maneira detalhada os principais momentos de *Numa noite escura*, iniciando como a obscuridade e sofrimento se articulam com a contemplação.

O segundo artigo, escrito por Phillipe Portier e intitulado *Paul Ricoeur e a questão política*, resgata importantes contribuições do filósofo Paul Ricoeur para se pensar a articulação entre religião e política, especialmente pensando a partir do contexto europeu.

Por fim, há o artigo de João Roberto Barros II que trata da temática da direção da consciência em Foucault, argumentando no sentido de mostrar como a direção de consciência se constitui como ligação entre sua ética e sua filosofia política. Para tanto, este problema é tratado a partir das considerações de Foucault sobre a confissão e o governo pastoral no âmbito do cristianismo.

Desejamos aos leitores que façam bom proveito das leituras.

Prof. Dr. Jonas Roos (Editor do número)
Prof. Dr. Frederico Pieper (Editor da revista)